

## EDITORIAL

A doença, o mal-estar, a aflição constituem experiências pessoais consideradas desagradáveis. A busca de tratamentos específicos está associada a várias condições dentro de uma mesma cultura. Seu impacto no indivíduo, na família e no contexto social mais amplo tem merecido a atenção de muitos estudos nas mais diversas áreas. Aprender a lidar com as situações indesejáveis – mediante exposição narrativa (autobiográfica) ou a partir de estratégias tecnológicas que viabilizam mudanças nos modos de estar doente – motivou a organização deste dossiê, dedicado à temática Educação e Saúde. Embora este dossiê não destaque apenas a discussão sobre a educação *em* saúde, os textos, aqui reunidos, tomam como referência pesquisas que falam sobre fatores de risco e de proteção à saúde, sobre condições de trabalho, sobre a doença como produtora de exclusão e de desvalorização de si. Outros aspectos na relação com a saúde ganharam relevância nas pesquisas: a doença, esta experiência extraordinária, que quebra o curso normal da trajetória de vida do indivíduo, revela-se como motor de redimensionamento de práticas do indivíduo e do seu entorno. Numa perspectiva das ciências humanas, os artigos visitam a saúde e a doença do lugar dos sentidos atribuídos ao sofrimento, que, normalmente estão ligados a um conjunto de situações, cujos contornos se imbricam aos significantes socioculturais do indivíduo.

O campo da educação vem sendo olhado como lugar da construção social da saúde, vez que cuidado, afetividade, proteção e atenção são constructos apreendidos pelos sujeitos em situações educativas. A escola é, desta forma, o espaço coletivo onde são privilegiadas ações em saúde, prevenção, estímulos a hábitos saudáveis dos alunos, não esquecendo que o debate se estende para a qualidade de vida do professor, dando atenção aos cuidados que devem ser observados (tempo de trabalho, cuidados com a voz), considerados elementos que fazem parte dos contextos de vulnerabilidade docente. Ao mesmo tempo, a escola é o lugar da emergência de patologias e/ou da medicalização e patologização dos comportamentos. As queixas escolares da ausência de controle e comportamentos adequados têm trazido para dentro da escola não apenas a discussão sobre o estigma, o *bullying* e a rotulação de crianças e jovens, mas também as estratégias educativas para promover um clima favorável de denúncia às agressões, como também escuta, evitando assim agravos à saúde.

Ações em saúde são, por assim dizer, apreensões que são despertadas no contato com o coletivo. Vale ressaltar que as práticas de saúde operadas numa sociedade vão além de meras aprendizagens: elas são práticas que incorporam um projeto de sociedade, uma consciência política. Longe de ser uma prática neutra, a educação em saúde pressupõe uma dimensão ideológica, de poder, pois implica uma maneira de ser sociedade, de lidar com técnicas e com um projeto de sociedade e a construção de uma consciência.

Agosto 2016

Lívia Fialho Costa  
Editora Executiva

**Temas e prazos dos próximos números da Revista da FAEEBA:  
Educação e Contemporaneidade**

<b>Nº</b>	<b>Tema</b>	<b>Prazo para envio dos artigos</b>	<b>Lançamento previsto</b>	<b>Coordenadores</b>
47	Educação e mestrados profissionais	01.07.2016	Dezembro de 2016	Tânia Dantas Tânia Hetkowski